

**ANÁLISE ESTILÍSTICA DA OBRA “O PESO DO PÁSSARO MORTO”, DE ALINE
BEI**

Dayane Martins Pena¹

Me. Heber Junio Pereira Brasão²

Dra. Cristina Soares de Sousa³

Dra. Márcia Rodrigues Luiz da Silva⁴

Dra. Gleice Kelly de Sousa⁵

Dra. Natany Garcia Reis⁶

Resumo:

A estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo. Uma de suas vertentes, a estilística literária ou idealista, de Leo Spitzer, investiga o modo como a obra literária é construída e qual prazer estético ela provoca no leitor, além de averiguar os aspectos linguísticos, analisando as relações entre forma e conteúdo, materiais e estrutura. Os objetivos deste artigo são explicar o que é estilística, com foco na estilística literária e analisar a obra “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, sob um olhar estilístico. As metodologias utilizadas para o trabalho foram pesquisa em livros, artigos e sites que tratam sobre o assunto discorrido. Por meio da análise estilística da obra, pudemos perceber as características de estilo da escritora Aline Bei, como a escrita híbrida, misturando prosa e verso, além das figuras de linguagem presentes em todo o livro. Sabe-se que o ensino da estilística nas aulas de Língua Portuguesa é de suma importância, visto que possibilita aos estudantes conhecer as diversas possibilidades de expressão da nossa língua, contribuindo, também, para o ensino gramatical, além de despertar o interesse pela leitura.

Palavras-chave: Estilo. Estilística. Análise.

Abstract:

The stylistic is one of the subjects orientated for the phenomena of language, having as object the style. One of their components, the stylistic literature or idealistic, by Leo Spitzer, searches the mode as the literature work is built and which enjoyment aesthetic it provokes in the reader, as well as checks the aspects linguistics, analyzing the relation between the shape and content, materials and structure. The objectives in this article are explain what is stylistic, as focus at stylistic literature and analyze the paper “O peso do pássaro morto”, by Aline Bei, above a glance stylistic. The methodologies used for the job were search in books, articles and sites that discuss about the topic. Through the stylistic analyze in the paper, we could realize the characteristics from the life style by the writer Aline Bei, as wrote hybrid, mixing prose and verse, beyond the language figures in all book. It's know that the stylistic teaching in Portuguese classes is extremely important, noted that allows the students know diverse possibilities of

1 Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo – MG. E-mail: dayanepena@unifucamp.edu.br

2 Professor orientador e coordenador do Curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo – MG

expressions in our language adding also for the teaching grammatical also to arouse interest in reading.

Keywords: Style. Stylistic. Analyze.

INTRODUÇÃO

A princípio, a leitura pode ser compreendida como o ato de decodificar o que está escrito, ou seja, assimilar o que os sinais gráficos e as letras representam; sendo assim, a partir dessa ideia, qualquer indivíduo que soubesse ler e entendesse o que tais palavras significam seria capaz de interpretar o texto. Marcuschi (2008), afirma que “a produção textual não é uma simples atividade de codificação e a leitura não é um processo de mera decodificação”, pois sabe-se que muitos dos sentidos que utilizamos na leitura provêm de processos cognitivos e afetivos que nos possibilita produzir inferências capazes de esclarecer o que está escrito no texto.

Sabe-se que para que o emissor consiga expressar algum significado por meio de um texto, este deve ser constituído de palavras organizadas, seguindo normas e técnicas. A seleção das palavras, a entoação, cada construção empregada efetua a significação, agregando e consolidando o processo comunicativo. E este é um dos papéis da estilística, principalmente da estilística literária.

Em um primeiro momento, traremos a definição de estilo, estilística, quando ela surgiu e quais são suas características; tendo como foco a Estilística Literária, iniciada por Leo Spitzer. Posteriormente, falaremos sobre sua importância dentro das aulas de Língua Portuguesa. Logo após, será tratada a questão dos gêneros discursivos e da prosa e do verso dentro da estilística. Posteriormente, apresentaremos o livro em questão e analisaremos a obra, observando sua estrutura, características e as figuras de linguagem nela presentes.

1 JUSTIFICATIVA

Justifica-se o trabalho com os estudos estilísticos, visto que é importante ressaltar sua notoriedade, tanto dentro da gramática, como na literatura, pois ela tem o poder de influenciar e provocar no interlocutor uma determinada impressão, a chamada *catarse*³. Além disso, a

3 Conforme o dicionário on-line Houaiss *catarse* é um substantivo feminino, que “na religião, filosofia ou medicina da antiguidade grega” significa libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe. Ele ainda traz outra definição, dentro da literatura,

estilística nos proporciona a capacidade de podermos interpretar e compreender melhor um texto, tanto em prosa, como em verso; possibilitando, assim, uma experiência de leitura mais significativa.

2 OBJETIVO GERAL

Este trabalho, tem como objetivo, promover uma análise do livro “O peso do pássaro morto”, da autora contemporânea brasileira Aline Bei, partindo-se de um viés estilístico literário, além de evidenciar a importância da estilística.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As múltiplas definições de estilo

A estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo. Originalmente, o termo estilo caracterizava um objeto pontiagudo utilizado para escrever; contudo, a palavra passou por muitas variações semânticas e, hoje, dentro da linguística, refere-se ao modo como o falante emprega os mais diversos recursos da língua, é a forma como o indivíduo se exprime linguisticamente.

Mattoso Câmara (2004) define estilo a partir de duas óticas: as três funções da linguagem propostas por Bühler, e a dicotomia de Saussure, *langue* (social) e *parole* (individual). O fundamento de estilo é, dessa maneira, um conjunto de processos que fazem das nossas concepções um meio para a exteriorização psíquica ou um apelo através da linguagem.

Bakhtin (1997), se refere a estilo com a noção de “acabamento”:

Chamamos estilo a unidade constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar (para superar de modo imanente) um material. Qual é a relação existente entre o estilo e o autor em sua individualidade? Qual é a relação do estilo com o conteúdo, ou seja, com o mundo dos outros, objeto de acabamento? (BAKHTIN, 1997, p. 215).

Não se deve confundir traços de estilo de um autor com erros gramaticais, pois deve-se levar em conta a época ou a intenção do escritor ao utilizar certa palavra ou expressão, pois essa

que diz: “purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico”. (HOUAISS)

utilização pode ser justificada por sua finalidade estética, além disso, é preciso ter em mente que o escritor tem liberdade criativa, podendo usar a palavra a seu favor.

Entende-se, portanto, que estilo caracteriza as escolhas que o falante faz, diante das diversas possibilidades que a língua oferece, definindo sua forma de se expressar, seja de forma escrita ou falada, atuando no comportamento de seus receptores, traduzindo suas características pessoais naquilo que se cria.

2.2 O surgimento da estilística e suas vertentes

A Estilística passa a ser uma nova disciplina ligada à Linguística, a partir das primeiras décadas do século XX, consolidando-se nas áreas de Linguística e Literatura através do linguista francês Charles Bally, idealizador da Estilística da língua e do alemão Karl Vossler, uma ciência que remete à tradicional retórica dos gregos. As duas, tinham em comum o estudo da expressividade, contudo, diferenciavam-se por seus objetivos: a retórica era uma doutrina com intuito pragmático-prescritivo, em contrapartida, a estilística, como ciência, apresenta um aspecto mais descritivo-interpretativo.

Bally (1951, p. 16), buscava analisar a relação entre língua e o ato social que ela exercia, levando em consideração a língua coletiva (*langue*). Conforme suas ideias, “a estilística estuda os fatos da expressão da linguagem, organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade”, iniciando, então, os trabalhos com a estilística da língua ou da expressão linguística, opondo-se ao estudo dos estilos individuais, distanciando-se, por conseguinte, da literatura.

Mattoso Câmara Jr. (1978, p. 110) define a estilística, em seu Dicionário de Linguística e Gramática, como sendo uma “Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e suggestionar”.

Câmara Jr. acreditava na estilística de acordo com as três funções da linguagem⁴ de Bühler, ademais, a gramática e a estilística não se opõem, pelo contrário, uma vem para complementar a outra, tendo em vista que a gramática estuda a língua como meio de representação, já a estilística estuda a língua como forma de expressão, com o intuito de agir sobre o interlocutor.

4 As três funções da linguagem segundo (BÜHLER, 1934, apud FÓNAGY, 2003), são: a representação, a expressão e o apelo. A representação refere-se à linguagem intelectual; a expressão denota a atitude do enunciador; e o apelo é utilizado para influenciar indivíduos, provocando efeitos.

Existem vários tipos de estilística, a saber: estilística fônica, estilística lexical, estilística sintática e a estilística da enunciação, mas a que interessa a nosso estudo é aquela que se aplica à investigação da obra literária. Spitzer, que foi outro doutrinador da estilística, mais precisamente, da estilística literária, investigava a relação entre a linguagem e sua manifestação na literatura, buscando compreender o estilo linguístico como ele artisticamente deveria ser.

A estilística literária ou idealista⁵ investiga o modo como a obra literária é construída e qual prazer estético ela provoca no leitor, além de averiguar os aspectos linguísticos, a estilística analisa as relações entre forma e conteúdo, materiais e estrutura.

A estilística de Spitzer provém da reflexão, de cunho psicologista sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum. Cada escritor possui um estilo, uma maneira própria e individualizada de escrever, o que reverbera as suas experiências, seu conhecimento de mundo e sua vivência.

O autor elaborou uma técnica de estudo de estilo chamada “círculo filológico”. Primeiramente, fazia-se uma leitura atenta do texto, lia e relia uma obra de um grande autor, pois ele pressupunha que a escolha do autor demonstrava o valor da obra; por meio da intuição, procurava um traço estilístico relevante como uma predominância vocálica ou consonantal, uma repetição silábica, a frequência de uma interjeição, o uso da pontuação, o tempo verbal etc. Isso servia como meio para se inserir no âmago da obra, ou seja, o espírito do autor; permitindo a compreensão do princípio criador de forma interna, levando à visão integral da obra. Spitzer acreditava que a intenção do autor era algo singular, determinado e, “descobrível”.

2.3 A importância da estilística nas aulas de Língua Portuguesa

O ensino da estilística nas aulas de língua portuguesa é de suma importância, visto que possibilita aos estudantes conhecer as diversas possibilidades de expressão da nossa língua, além de contribuir para o ensino da gramática.

A análise literária diferencia-se da análise estilística, sendo que, o responsável pela análise literária é o professor de literatura; já a análise estilística fica por conta do professor de língua portuguesa, e tem por objetivo partir de um todo, supostamente harmônico, para o

5 A estilística literária, também pode ser chamada de idealista, por se prender à filosofia idealista de B. Croce e K. Vossler; psicológica, por lhe interessar a psicologia do escritor; e genética por pretender chegar à gênese ou origem de obra literária. (MARTINS, p. 7, 2000).

conhecimento das partes que o integram, atentando-se para traços estilísticos, tanto da língua oral como da escrita.

Bakhtin (2013), reitera a importância da estilística no ensino de Língua Portuguesa, não só a fim de se compreender um texto, mas também para a construção de autonomia dos estudantes:

Toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista de suas possibilidades de representação e expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística (...)

Sem a abordagem estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos e, privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria; ele os ensina apenas a analisar a linguagem alheia já criada e pronta. BAKHTIN (2013, p. 24-8).

Assim sendo, entende-se que a partir do ensino de estilística, os alunos despertam sua criatividade por meio das análises e das figuras de linguagem, além de estimular seu pensamento crítico, contribui para a aprendizagem gramatical, tendo em vista que, se feita corretamente, provoca o interesse dos discentes.

3 Gêneros discursivos

O ser humano tem a necessidade intrínseca de expressar-se, dessa forma, desde o princípio, o homem se expressava, inicialmente pela oralidade e mais tarde pela escrita; sendo possível propagar seus feitos e suas histórias, utilizando-se da criatividade e da imaginação. Foi criada, então, o que chamamos de literatura, que pode ser traduzida como a expressão do pensamento do homem em um determinado período histórico. Além de disseminar conhecimentos, culturas, sentimentos, religiões, a literatura transmite e perpetua de geração em geração toda uma gama de informações e interlocuções a que chamamos de obras literárias.

Com o passar do tempo, os indivíduos sentiram a necessidade de classificar os textos literários ou não literários conforme a sua estética. Na antiguidade, os responsáveis por fazer as primeiras tentativas de organizar as obras literárias por gênero foram os filósofos Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga. No Renascimento, definiu-se a existência de três gêneros: o lírico, o épico e o dramático. Ao longo do tempo foram surgindo outros gêneros, os quais são incontáveis, assim como afirma Bakhtin (1992):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. BAKHTIN (1992, p. 279-281).

Para Marcuschi (2005, p. 35) “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia, pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero”.

Entende-se, portanto, que é impossível acontecer comunicação verbal a não ser através de algum gênero, tendo em vista que em todo processo comunicativo, seja verbal ou oral, nas diversas situações do cotidiano, desde um simples diálogo informal, como por exemplo, uma conversa entre amigos, até uma audiência, fazemos utilização de vários gêneros.

3.1 A prosa e o verso

Os textos podem ser apresentados de duas formas: em prosa ou em verso. A prosa é definida como a expressão natural da linguagem, seja escrita ou falada. A origem desse vocábulo vem do latim *prosa oratio* e tem sua definição por discurso simples e direto, em linha reta. Chama-se prosa o texto que ocupa todo o espaço da margem, ou seja, vai até o fim da linha e são organizados em parágrafos. De acordo com Bechara (2001, p. 628): “Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia”. Esse tipo de texto transmite ideias, fatos ou histórias de forma natural e objetiva.

O texto em verso é utilizado na linguagem poética, no qual existe uma preocupação com o ritmo, a rima e a musicalidade, além de ser um texto subjetivo, geralmente com a presença de figuras de linguagem. Os versos são frases ou palavras dispostas em linhas, não ocupando o espaço total até a margem. Conforme Bechara (2001, p. 628): “Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo⁶”.

Juntos, eles transmitem uma ideia através de um conjunto de versos, as chamadas estrofes, no qual uma ideia pode começar em uma frase e terminar em outra, além disso, esse tipo de texto tem uma certa liberdade de escrita, podendo ter ou não pontuação.

6 Ritmo é a divisão do tempo em períodos uniformes mediante os apoios sucessivos de intensidade. (BECHARA, 2001, p. 628)

Em seu livro intitulado *Ideia da Prosa*, o pensador italiano Giorgio Agamben (1999, p. 30) afirma que “nenhuma definição do verso é perfeitamente satisfatória, exceto aquela que assegura sua identidade em relação à prosa através da possibilidade do *enjambement*⁷”. Através desse recurso, têm-se uma quebra de ideia no verso, na qual o pensamento vem a ser completado com o verso posterior. Essa técnica possibilita que o autor interfira no ritmo e até mesmo no imaginário dos versos, sendo que nem todos os poemas possuem esse recurso, mas ele vem sendo utilizado cada vez mais na atualidade.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente artigo refere-se a uma pesquisa bibliográfica com o propósito de analisar o livro “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, por meio de uma abordagem estilística literária, observando as marcas de estilo características da autora. Tal estudo foi feito por meio de pesquisas em livros, artigos e sites que tratam sobre o assunto discorrido.

5 DESENVOLVIMENTO

5.1 Sobre a escritora

Aline Bei nasceu no ano de 1987, em São Paulo. Graduou-se em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia Helena. O peso do pássaro morto (2017), seu romance de lançamento, foi vencedor do prêmio São Paulo de Literatura e do prêmio Toca, além de finalista do Prêmio Rio de Literatura.

Em entrevistas, Bei conta que a ideia do livro surgiu após ter feito uma oficina de escrita com Marcelino Freire⁸, em 2016. Essa oficina funcionava como um concurso e possibilitava que dois autores publicassem suas obras no final. Aline foi uma das vencedoras e teve seu livro publicado.

Segundo Bei, o título do livro “O peso do pássaro morto” está relacionado ao seu passado, que quando criança, colocou um passarinho na mão e ele morreu. Inclusive, a sua dedicatória no livro fala sobre isso “ao canário que, assustado em caber na palma, morreu na

7 *Enjambement*: termo da poética que designa a passagem para o verso seguinte de uma ou várias palavras que completam o sentido do verso precedente; descontinuidade entre a quebra do verso e a unidade sintática. (PAIXÃO, 2013, p. 125)

8 Marcelino Freire, é um escritor brasileiro, nascido em Pernambuco. É vencedor dos prêmios: Prêmio Machado de Assis, 1º lugar em 2014, na categoria Romance pela obra *Nossos Ossos* e Prêmio Jabuti de Literatura, 1º lugar em 2006, na categoria contos pela obra *Contos Negreiros* (contos, 2005).

minha mão.” Bei conta que, primeiro surgiu o nome do livro e, posteriormente, ela pensou na história.

5.2 Sobre o livro

“O peso do pássaro morto” trata-se de um romance escrito em versos, quase todo narrado em primeira pessoa por uma protagonista cujo nome não é mencionado durante toda a história. O livro é dividido em nove capítulos os quais remetem às idades da narradora em determinadas épocas de sua vida, em que aconteceram acontecimentos marcantes, na maioria, suas perdas, desde os 8 anos até os 52 anos.

Segundo Aline, a ideia de dividir seu livro em idades ocorreu após a leitura do romance “Aos 7 e aos 40”, de João Anzanello Carrascoza (2013), que organiza a narrativa nessas duas idades-chave do protagonista.

A obra permeia diversos temas como amizade, maturidade, abuso sexual, maternidade, solidão e morte. A escrita de Aline é híbrida, trazendo a prosa/verso e a poesia com uma narrativa fluida e de fácil compreensão. O livro causa um certo estranhamento no leitor, devido ao seu modo de escrita, mas aos poucos, o leitor se sente imerso na história.

O livro inicia com a narradora, que tem 8 anos de idade, contando acontecimentos cotidianos, e desde cedo, ela tem que se acostumar com as perdas. Em sua narrativa quando criança, usa palavras simples, o que nos destina a esse lado da inocência e da fragilidade que as crianças têm.

6 Análise do livro

Logo no início, o leitor se depara com uma escrita diferente: uma linguagem infantil, sem a presença de parágrafos, sem letras maiúsculas no início das frases ou nos nomes próprios, utilizando letras maiúsculas apenas em algumas palavras esporádicas, se sustentando em uma escrita tida como prosa, contudo, apresenta características de verso, como o ritmo, a pontuação e a disposição de palavras isoladas.

Além disso, é possível perceber em algumas frases a presença de rimas, como acontece em *ruga/tartaruga*, *mora/toca*. Outro ponto notável é a presença de frases entrecortadas, em que ao fim de cada verso não se tem uma ideia completa de sentido, ocorrendo uma terminação falsa ou *enjambement*; na qual a continuidade da ideia apresentada se completa na próxima linha.

No trecho a seguir é possível perceber as características do estilo de escrita de Bei que foram citadas acima.

aos 8

seu Luís é um velho sabido com cheiro de grama.
 acho que o desodorante dele
 é verde
 e o corpo deve ter uns 100 anos de tanta ruga
 na pele toda, um homem
 tartaruga.
 a casa que ele mora
 parece uma toca
 tem muita árvore antes de começar pela
 Sala
 de sofá
 cinza e um eterno presépio
 que fica o ano inteiro na mesa de centro
 com o menino jesus fora
 da manjedoura.

Figura 1: O peso

do pássaro morto (BEI, 2017, p. 7).

Ainda na página 7, a palavra “benzedor” aparece escrita de forma separada, como se fossem duas palavras distintas: benze Dor, sendo que a palavra dor está escrita com letra maiúscula, o que nos passa a ideia de força, intensidade. Segundo a narradora, Seu Luís é “uma pessoa/que arruma qualquer coisa dentro da gente sem precisar/abrir com faca.” (BEI, 2017, p. 12)

Outra característica própria do estilo de Bei se dá ao fato de que em alguns momentos ela escreve utilizando um recuo maior, criando um texto com alinhamento desuniforme, essa ferramenta estética ocorre durante o livro até o seu fim. Como é possível observar na imagem abaixo:

seu luís
 é marido da dona Rosa. ela está sempre de vestido
 e faz o melhor pudim pra minha boca, a colher até bate no dente de
 tanto que eu chupo pra roubar todo o gosto daquele doce, seu luís
 fica me olhando. nem de noite ele tira os óculos escuros, gosto
 quando ele me mede na parede
 pra saber se eu cresci desde a última vez que nos vimos.
 quase sempre eu cresci,

Figura 2: O peso do pássaro morto (BEI, 2017, p. 8).

Na página 12, a palavra “devagar” foi escrita da seguinte forma: D e v a g a r. A disposição da palavra escrita com espaços nos encaminha à oralidade quando pronunciamos uma palavra pausadamente, e também, relaciona-se ao próprio significado da palavra, ou seja, com calma, sem pressa. O mesmo ocorre na página 15, com a palavra “susto”, grafada em letras maiúsculas e espaçadas: S U S T O, simbolizando o ato de se assustar. Ainda na página 12, é

possível notar a presença de uma metáfora⁹, quando a narradora diz: “mas a carla tinha/uma saúde/de aço”, com o intuito de dizer que Carla era uma pessoa saudável, que quase não adoecia.

Na próxima página, no trecho: “mas na hora que a Prova me olhava nos olhos,/minha barriga/virava gelo e a cabeça/um Choro”, (BEI, 2017, p. 13), notamos a presença de duas figuras de linguagem, a personificação ou prosopopeia¹⁰, em que o objeto inanimado “prova”, presente no primeiro verso, assume a característica de ver/enxergar, própria dos humanos; e nos outros versos traz a sinestesia¹¹, em que a cabeça chorava e não os olhos, dando a sensação de que a pessoa chorou bastante.

O recurso de personificação também está presente na página 13, no trecho: “numa tarde de pudim perguntei pro seu luís por que/rádio chora só nessa rua comprida” (BEI, 2017), sendo que o rádio, como objeto inanimado, não chora, já que o choro é uma característica humana.

Na página 16, há a presença da interjeição “SHIU”, grafada em letras maiúsculas, trazendo a figura onomatopeia¹², simbolizando o som que fazemos para impor silêncio.

Carla, amiga da protagonista sem nome, morre ao ser atacada por um cachorro e para simbolizar que o cão do vizinho era muito grande e feroz, foi utilizada uma metáfora no trecho “que o cachorro/do vizinho/era um tigre” (BEI, 2017, p. 19). A narradora, em sua ingenuidade de criança, não entendia o significado da morte e ainda aguardava a amiga voltar, como fica explícito em “pensei que a carla voltaria quando cansasse de/morrer” (BEI, 2017, p. 19).

Mais adiante, na página 32, é utilizada uma hipérbole¹³, caracterizando exagero, ao dizer “o tempo que eu passava estudando era do tamanho/dos estados unidos” (BEI, 2017, p.32), pode-se entender que a protagonista passava bastante tempo estudando.

9 A metáfora, a princípio, caracteriza-se por exprimir uma concentração semântica (FIORIN, 2014) denotando um intenso valor argumentativo, empregada tanto na linguagem textual – no caso da composição escrita – quanto verbal – na eventualidade de uma pronúncia – ou até visual – presente em logomarcas de empresas, imagens estampadas em folhetins e outras ilustrações.

10 No caso da prosopopeia, há uma concentração semântica (FIORIN, 2014), atribuindo vida a seres não humanos, irracionais ou inanimados. Ao pronunciar que “A tarde descia, pensativa e doce”, percebe-se que a tarde está evidenciando qualidades humanas, bem visto na alegação de que estava “pensativa”, pois, ao pé da letra, a tarde não “pensa”, em razão de que se trata de um período do dia: o vespertino; e não autenticamente de uma pessoa. (FIORIN, 2014, p. 51).

11 A sinestesia é constatada quando há uma mistura de percepções sensoriais (FIORIN, 2014, p. 62), como audição, tato, visão, olfato e paladar.

12 Conforme Bechara, onomatopeia é o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime. (BECHARA, 2001, p. 74).

13 Segundo (FIORIN, 2014), a hipérbole é o aumento da intensidade semântica. A hipérbole não se delimita à linguagem escrita, podendo ser também contemplada na linguagem visual, claramente

Na página 35, ocorre a presença de um hipérbato¹⁴, fazendo com que haja uma inversão na ordem natural dos termos da oração, como ocorre a seguir: “amigos na escola nova não tinha nenhum”. Na construção usual da língua, a ordem natural dos termos da oração vem posicionada dessa maneira: sujeito + predicado + complemento; sendo assim, a sentença ficaria da seguinte forma: “Não tinha nenhum amigo na escola nova”. O mesmo ocorre na página seguinte, com a frase: “pelo pescoço subiu um grosso de choro que eu não/deixei chegar no olho”; tal frase, disposta na construção usual da língua ficaria assim: “Subiu pelo pescoço um grosso de choro que eu não deixei chegar no olho”.

Adiante, na página 37, nota-se a presença de uma zeugma¹⁵, que foi utilizada para omitir a palavra “idiota”. Como podemos ver abaixo:

peguei da lancheira a tortuguita um pouco
 mole que sobrou do
 caio, meus cabelos
 ainda molhados.
 comi devagar como sempre
 jurando pra mim mesma nunca mais
 olhar na cara
 daquele Idiota, eu
 me sentindo uma,

mas não chorei)

+

Figura 3: O peso do pássaro morto (BEI, 2017, p. 37).

Nota-se, também, que foi utilizada a letra maiúscula para escrever a palavra “idiota”, o que nos passa a ideia de intensidade, ou seja, a narradora queria ressaltar que o Caio era idiota.

vista em diversas peças publicitárias, veiculadas em diferentes meios de comunicação, como gazetas, semanários e sites da internet. (FIORIN, 2014, p. 72).

14 Conforme CUNHA e CINTRA (2017, p. 641) hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

15 “A zeugma é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles”. (...) “Podemos denominar simples a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior.” (CUNHA, 2017, p. 638)

Na página 40, há duas metáforas, a primeira: “aquelas cartas deixaram a dona rosa tão feliz/e no seu lúis um brilho/parecido com o fogo/que sai/do cigarro/sempe na/boca”, remetendo à ideia de irradiar felicidade, estando tão feliz que até seu rosto até brilhava; já a segunda metáfora: “Carla,/você devia ter me avisado./sumir pra nuvem assim foi como brincar de/esconde-esconde pra sempre, fez nascer um/buraco em mim, lembra da aula de geografia?/então, é assim que eu me sinto” (BEI, 2017). Ao dizer que Carla tinha “sumido para a nuvem” e “brincar de esconde-esconde para sempre”, a narradora queria dizer que sua amiga tinha morrido, transmitindo o sentimento de solidão, incompreensão e tristeza, na qual a protagonista se encontrava. Na página 43, a protagonista utiliza-se de um eufemismo¹⁶, que tem como característica amenizar o que está sendo dito, ao dizer “a carla agora mora nas nuvens” (BEI, 2017), em vez de dizer que a Carla morreu.

Nas páginas 44 e 45, a protagonista narra sua descoberta sobre a morte de Seu Luís.

toquei o sino,

(nada)

bati na porta,

()

virei a maçaneta,

(trancada.)

Figura 4: O peso do pássaro morto, (BEI, 2017, p. 44).

16 Conforme FIORIN (2014, p. 80), “o eufemismo qualifica-se como um tropo constituinte de uma compatibilidade predicativa, apontando uma amenização ou abrandamento da expressão”.

voltei pra casa chamando mãe,
– cadê o seu luís?

ela não tinha me contado nada porque achou que
era muita morte pra eu saber de uma vez só.

+

Figura 5: O peso do pássaro morto, (BEI, 2017, p. 45).

Durante toda a obra, a autora utiliza uma técnica de escrita diferente: a fim de narrar a morte da personagem Seu Luís, ela escreve o texto de forma não-linear, com frases soltas pela página de forma espaçada, dando a sensação de pausa no texto, além de utilizar parênteses em branco, o que nos remete ao silêncio que a protagonista recebe ao não encontrar ninguém na casa de Seu Luís. Com esse excerto, se encerra o primeiro capítulo do livro, no qual já se pode sentir o peso da vida da protagonista, que desde criança já estava sofrendo com a perda de seus dois melhores amigos, Seu Luís e Carla.

No segundo capítulo do livro, a protagonista narra acontecimentos que marcaram sua vida aos 17 anos, um deles é o abuso e o estupro que ela sofrera. A partir desse capítulo, nota-se a evolução da escrita da narradora, tendo em vista que no começo o livro está sendo narrado por uma criança e aos poucos, conforme ela vai se desenvolvendo, sua escrita também se desenvolve, isso fica evidenciado por termos como “impronunciável” (p. 47) e “desfrute” (p. 51).

Na página 53, foi utilizada uma onomatopeia, em que ocorre o alongamento da palavra, no qual esse som simboliza o mugido que a vaca faz. Os alunos reproduziam esse som quando

Pedro passava, para se referir que ele havia sido traído pela protagonista, como fica expresso abaixo:

muuuuuuuuuuuuuuu quando ele passava,
muuuuuuuuuuuuuuu desenhado em bilhete

Figura 6: O peso do pássaro morto, (BEI, 2017, p. 53).

No excerto: “ninguém trocou telefone,/do cabeludo eu não sei/nem o nome...”, temos um hipérbato, invertendo a ordem direta dos elementos da frase. Na ordem direta, a frase ficaria assim: “Ninguém trocou telefone e eu não sei nem o nome do cabeludo”. Nota-se, também, o uso de rimas das palavras “telefone” e “nome”, recurso que não seria possível se não tivesse sido usado o hipérbato.

No final do capítulo, a protagonista sem nome narra sobre o estupro que sofreu de Pedro, seu ex-namorado, e no início do terceiro capítulo, aos 18 anos, ela conta sobre o nascimento de seu filho, fruto do estupro.

No quarto capítulo, a narradora conta sua história aos 28 anos. Seu filho, Lucas, já tem 10 anos, e fica com a Bete, sua vizinha, para ela trabalhar. Com isso, a relação mãe e filho se torna cada vez mais distante, tendo em vista que os dois quase não se veem, e que seu filho tem a aparência física de seu estuprador, o que relembra os fatos ocorridos no passado.

Na página 68, ocorre uma aliteração¹⁷ no trecho: “passa/primeiro/por mim”, em que se observa a repetição do fonema /p/, estabelecendo um efeito sonoro e rítmico.

Outro exemplo de personificação, ocorre na página 73, no trecho: “a minha televisão, por exemplo,/está morta/desde domingo”(BEI, 2017), o aparelho televisivo não morre, pois, a morte é uma característica humana, ele apenas estraga.

Na página 79, ocorre uma anáfora¹⁸, no trecho: “tudo escorre/e tudo é perda” (BEI, 2017), na qual a palavra tudo está sendo repetida com o intuito de intensificar a expressão “tudo”, tornando a mensagem mais expressiva. Já na página 81, ocorre outra onomatopeia: “dlin dlon.”, a fim de sinalizar que a campanha estava tocando.

17 De acordo com BECHARA (2001, p. 73), a aliteração é a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra ou por unidades mais extensas.

18 A anáfora segundo FIORIN é: “A repetição transoracional do segmento de uma oração ou de um verso é repetido em outra oração ou outro verso” (FIORIN, 2014, p. 118), com intuito de reforçar o sentido de alguma palavra ou expressão.

Na passagem a seguir, a narradora está contando sobre um dia em que seu filho e seus amigos estavam “brincando” de matar passarinhos com estilingue, e é possível notar a sensação que a autora quis passar.

As palavras dispostas dessa maneira na página, dão a impressão de ser o movimento que a pedra fazia ao ser arremessada pelo estilingue. Uma vizinha do seu prédio contou-lhe o que Pedro estava fazendo, a partir dessa informação ela o confrontou e deu-lhe um tapa em seu rosto. Depois desse dia, a narradora teve medo de que seu filho se tornasse mau assim como era o pai dele. Após esse acontecimento, a distância que havia entre mãe e filho só aumentava.

algo delicado que estava em
Movimento,

a pedra no céu

a pedra no estilingue

a pedra no corpo

o corpo
no chão e

a pedra,

que já não interessa mais, cumpriu sua função de
ponte.

Figura 7: O peso do pássaro morto (BEI, 2017, p. 83).

No capítulo seguinte, a narradora está com seus 37 anos, narrando que após o falecimento da Bete, o relacionamento entre mãe e filho ficou ainda mais distante, o que pode ser constatado nos trechos: “quando a bete morreu/ele ficou ainda mais calado, como se fosse possível e/foi”; “a bete/era o Elo,/chorei mais porque perdi nosso elo do que porque/perdi uma pessoa que eu conhecia”. (BEI, 2017, p. 88)

Nas páginas 87 e 88, relata seu descontentamento em relação ao convívio com seu filho, no seguinte trecho: “morar com ele pelos anos que/moramos/era como viver com/um Estranho” (BEI, 2017). Além disso, a palavra “estranho” foi escrita com letra maiúscula, o que reforça a ideia de que, para ela, seu filho era um desconhecido.

A narradora estava indo visitar seu filho, que estava morando em Ouro Preto para fazer faculdade, contudo, ela para o carro para abastecer e encontra um cachorro. Ela resolve, então, ficar com esse cachorro, o qual nomeou de “Vento”, e o leva para casa, desistindo de ir visitar Lucas. A forma com que as palavras foram distribuídas na imagem a seguir, passa a ideia de objeto em movimento, demonstrando o percurso que a narradora estava fazendo com o carro para retornar para casa.



Figura 8: O peso do pássaro morto (BEI, 2017, p. 110).

No capítulo “aos 48”, a protagonista sem nome narra um encontro no restaurante, com seu filho e sua nora, Joana, que estava grávida de 6 meses de um menino. Ao dançar com seu filho, a narradora tenta contar a ele o que aconteceu entre ela e seu pai, contudo, ele não a deixa falar e volta à mesa. Esse foi o estopim para que ela desistisse de tentar se aproximar de Lucas, como fica explícito no trecho: “agora acho que a Joana era mãe. e acho também/que o lucas não precisa mais de mãe/nenhuma,/nem eu do filho que/não matei.” (BEI, 2017, p. 124). Mais

adiante, na página 127, ela reforça a ideia de ruptura com o filho, na seguinte passagem: “já que eu não era mais mãe e estava/decidido”. (BEI, 2017, p. 127).

A protagonista sem nome, agora dedicava seus dias ao Vento, seu cachorro. Ela vivia para ele e por ele, espelhando o amor que ela não teve por seu próprio filho e, essa dedicação e esse amor fica evidenciado pelos seguintes trechos: “...um dia passeamos juntos sem/coleira o vento e eu”; e “e desde que estamos juntos, parece que alguém/acelerou os relógios do mundo, penso que isso/é Amor”. (BEI, 2017, p. 126).

Percebe-se que ela tem essa idealização de amor a partir da chegada do Vento, antes disso, ela desconhecia esse sentimento, e o que ela sente pelo animal é algo muito forte, tanto que está escrito com letra maiúscula, a fim de trazer intensidade para o vocábulo.

Aos 49, a mulher se muda para uma casa bem grande e velha, só ela e o cachorro. Na página 132, ocorre uma antítese¹⁹, no trecho: “enquanto eu empacotava, desempacotava em mim/Memórias” (BEI, 2017, p. 132), nas palavras “empacotava” e “desempacotava”, pois possuem sentidos opostos.

No trecho: “descarregamos caixa por/caixa, móveis/sendo colocados nos lugares que deviam, cozinha/virando/cheia/cama/cadeira”. (BEI, 2017, p. 140), nota-se a presença de uma aliteração, através da repetição do fonema consonantal /c/, além de trazer ritmo ao texto.

Na frase: “era bem mais perto do trabalho a casa nova” (BEI, 2017, p. 144), observa-se a existência de um hipérbato, no qual a sequência habitual da frase seria escrita da seguinte forma: “a casa nova era bem mais perto do trabalho”.

Na página 146, fica explícita a presença de uma sinestesia, nos versos: “a música/escorria pelas paredes,/eu jurava que via a música escorrer” (BEI, 2017). Percebe-se a mistura de sentidos como ver (enxergar) e música (ouvir).

Nos versos: “tinha rodas que/quando comprei/eram transparentes hoje pretas de tanto rodar” (BEI, 2017, p. 152), verifica-se uma elipse²⁰, pois percebe-se a omissão do verbo “são” na frase.

Na próxima página, a narradora se depara com seu melhor amigo, seu cachorro, estirado no chão, à beira da morte. Na seguinte passagem, é perceptível a presença de uma metáfora:

19 Segundo AZEREDO (2008, p. 496), a antítese consiste na “relação entre duas unidades de significado – palavras, sintagmas, ou enunciados – que expressam conteúdos opostos”.

20 Chama-se elipse a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. BECHARA (2001, p. 592)

“meu corpo foi ficando um/Chumbo/foi ficando um/túmulo de andar...” (BEI, 2017, p. 153), em que infere-se que a protagonista estava tão chocada com a situação, que seu corpo estava pesado, com dificuldade de andar, evitando não se aproximar da cena para não sofrer tanto.

Outra presença de hipérbato ocorre na página 155, nos trechos: “sorriso eu não sabia mais em que lugar ele/ficava no corpo”; e em: “o telefone/eu cortei da tomada...” (BEI, 2017).

Após a morte de Vento, a narradora parou de tomar banho, não escutou mais músicas na vitrola, não ia mais ao banheiro para fazer as necessidades, fazendo na sala mesmo, tornando-se cada vez mais melancólica e depressiva, morrendo, assim, de tristeza.

A partir da página 158, constata-se a mudança de narrador, que fica evidenciada pela escrita em 3ª pessoa, como ocorre na primeira frase: “ela caiu no sono.”. Com a morte da personagem principal, o narrador deixa de ser narrador personagem para ser narrador onisciente, sabendo até mesmo os pensamentos da outra personagem, como pode ser percebido na imagem a seguir:

ela caiu no sono.

vomitou dormindo
e não acordou.
sonhava de novo com
a chegada
pra ver o Vento morto
só que dessa vez ele não estava morto
o portão
não estava aberto, no sonho
o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão feliz que ela não
acordou, não pôde,
nem o gorfo conseguiu e então
nunca mais.

Figura 9: O peso do pássaro morto (BEI, 2017, p. 158).

Na página 160, há uma personificação, no trecho: “... a vitrola e os discos/perderam a boca”. (BEI, 2017), no qual vitrola e discos, que são seres inanimados, recebem a característica de boca, que é própria dos seres humanos.

A protagonista morreu na casa que ela tanto amava e mesmo depois de 200 anos, tentaram vendê-la, tentaram demoli-la, mas tudo foi em vão, a casa negava a ser derrubada, o que fica evidenciado no trecho: “aquela casa estava disposta/a ser a última/do mundo/e quando se quer muito alguma coisa/bingo” (BEI, 2017, p. 161).

O livro traz uma parte póstuma, contando sobre quando o Lucas recebeu uma ligação o informando que sua mãe havia morrido. Posteriormente, ao visitar o túmulo de sua mãe no cemitério, encontrou-se com um homem, que também estava lá para visitá-la e o cumprimentou

com um “Bom dia”. “e ficou com vontade de perguntar/quem era” (BEI, 2017, p. 165), provavelmente esse homem era seu pai. E assim, o livro termina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estilística nos proporciona entender as várias formas de expressividade da nossa língua, além de contribuir para a compreensão, não só de textos literários, mas de todos os tipos de texto. Por isso, entende-se que é de suma importância trabalhá-la nas aulas de Língua Portuguesa, proporcionando interesse dos alunos, estimulando sua criatividade e pensamento crítico, além de despertar o interesse pela leitura.

Este trabalho teve a intenção de promover a análise estilística do livro “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, na qual pudemos observar as características de estilo da autora, os temas abordados, as figuras de linguagem presentes na obra, além de sua organização poética. A estilística foi utilizada para entendermos os métodos utilizados pela autora a fim de expressar-se no texto.

Por meio desta análise, pretendemos contribuir, de algum modo, para os estudos da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da Prosa**. Lisboa, Cotovia, 1999.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- _____. **Questões de estilística no ensino da língua**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo, Editora 34, 2013.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. 3ª ed. Paris-Genebra, Librairie Klincksieck-Librairie Geog & Cie., 1951.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BEI, A. **O peso do pássaro morto**. São Paulo, Editora Nós, Edith, 2017.
- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie, Die Darstellungsfunktion der Sprache**. Iena, 1934.
- CÂMARA JR., Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

_____. **Dicionário de linguística e gramática**. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed., reimpr. — Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FÓNAGY, Ivan. **Des fonctions de l'intonation : Essai de synthèse**. Flambeau, 29, p. 1–20, 2003.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Marcelino Freire. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/marcelino_freire/>>. Acesso em: 20 set. 2021

HOUAISS. Significado de catarse. Disponível em: <<<https://www.houaiss.net/corporativo/>>>. Acesso em 15 set. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: _____. **Gêneros textuais & ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 34-35.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz: 2000.

PAIXÃO, Fernando. **Poema em prosa: da metonímia ao fragmento**. Revista USP, São Paulo. n° 100, p. 124 – p. 133. 2013.

SPITZER, Leo. **Linguística e história literária**. 2ª ed. Trad. de José Perez Riesgo. Madri, Gredos, 1968.

Vídeo Entrevista de Aline Bei para o canal Litera Tamy. 2019. Disponível em: <<<https://youtu.be/bohKftiJYQw>>>. Acesso em 10 out. 2021.